Boletim Informativo Theosis

28 de maio do ano de nosso Senhor de 2026

Dom Eloy Mendes Netto

Na fidelidade ao Senhor da Igreja, na unidade do Corpo de Cristo e no serviço ao povo de Deus.

O DIABO, SATANÁS, LÚCIFER E OS DEMÔNIOS NO NOVO TESTAMENTO

Uma leitura bíblica, histórica, teológica e pastoral à luz da fé cristã ortodoxa

Introdução — compreender o mal sem perder Cristo de vista

Poucas questões acompanharam tão profundamente a história religiosa da humanidade quanto a pergunta:

De onde vem o mal?

Por que existe sofrimento?
Por que o ser humano, capaz de amor, solidariedade e compaixão, também pode ser capaz de violência, crueldade e destruição?

O mal é apenas consequência das escolhas humanas? Existe uma dimensão espiritual do mal? Quem são Satanás e o Diabo? O que significam os demônios encontrados nos Evangelhos? E como devemos compreender, hoje, os relatos de pessoas consideradas "possessas"?

Essas perguntas não são novas.

Muito antes do cristianismo, diferentes povos procuraram explicar a doença, a morte, o sofrimento e aquilo que parecia escapar à compreensão humana. Diversas culturas desenvolveram conceitos de espíritos, divindades, demônios e forças invisíveis. Até mesmo enfermidades neurológicas, como a epilepsia, foram durante séculos interpretadas em termos sobrenaturais. O desenvolvimento da medicina modificou progressivamente essa compreensão.

O cristianismo nasceu dentro do ambiente religioso judaico do primeiro século. Por isso, quando encontramos na Bíblia palavras como **Satanás, Diabo, demônios, espíritos impuros, serpente, dragão, anjos caídos e Lúcifer**, não devemos imaginar que todas essas ideias surgiram prontas, no mesmo momento e com exatamente o mesmo significado.

A própria história da tradição bíblica mostra um desenvolvimento.

O objetivo deste estudo não é negar a dimensão espiritual da fé cristã. Tampouco é reduzir a Bíblia a um documento puramente sociológico ou psicológico.

Como bispo e pastor da Igreja, considero necessário manter os dois lados juntos:

a fidelidade à fé e a honestidade diante da razão.

A Igreja não precisa ter medo da investigação.

Uma fé que teme perguntas ainda não amadureceu.

E uma ciência que não reconhece os limites de seu próprio conhecimento também pode transformar-se em dogmatismo.

Por isso, precisamos estudar o texto bíblico com fé, inteligência, prudência e discernimento.

E, sobretudo, precisamos manter uma verdade diante dos olhos:

O cristianismo não é uma religião centrada no Diabo. É a fé em Jesus Cristo, vencedor da morte e Senhor da vida.

1. O judaísmo antigo não começou com a imagem de um Diabo como a conhecemos hoje

Para compreender Satanás precisamos começar pela palavra hebraica **śāṭān**.

Ela está relacionada às ideias de:

adversário, opositor, aquele que se coloca contra alguém.

Em diferentes textos da Bíblia Hebraica, a palavra pode funcionar como substantivo comum e não necessariamente como nome próprio.

Ela pode designar um adversário humano ou alguém que exerce uma função de oposição.

Um exemplo extraordinariamente interessante aparece em **Números 22,22**, quando o Anjo do Senhor se coloca no caminho de Balaão:

"O Anjo do Senhor pôs-se no caminho por adversário dele."

O termo utilizado está relacionado à mesma raiz de *satan*.

Portanto, nos estágios mais antigos da tradição bíblica, **"satanás" não significa necessariamente "o grande inimigo de Deus"**.

A palavra podia significar simplesmente:

adversário.

Essa constatação é fundamental para compreendermos como a tradição foi se desenvolvendo.

2. Satanás no Livro de Jó

O Livro de Jó apresenta uma das mais importantes passagens para compreender essa evolução.

Encontramos uma cena celestial:

"Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles."

(Jó 1,6)

No hebraico aparece a expressão **ha-satan**, que pode ser entendida como "o adversário".

Ele participa da cena celestial e questiona a autenticidade da fidelidade de Jó:

"Porventura Jó teme a Deus gratuitamente?"

(Jó 1,9)

A pergunta é profunda:

Jó ama verdadeiramente a Deus ou somente é fiel porque recebeu bênçãos?

É importante, portanto, não interpretar automaticamente o "Satanás" do Livro de Jó a partir da imagem que se desenvolveu posteriormente na tradição judaica e cristã.

No contexto de Jó, ele aparece como uma figura celestial que exerce uma função de acusação, oposição e questionamento dentro da soberania de Deus.

Ainda não encontramos ali, de forma plenamente desenvolvida, a imagem de um poder espiritual independente que se rebela contra Deus e estabelece um reino próprio do mal.

Essa compreensão mais ampla de Satanás foi se formando progressivamente ao longo da história da tradição bíblica e religiosa.

E existe aqui uma verdade teológica que não podemos perder:

Deus continua sendo soberano.

Satanás não é um segundo deus.

3. A evolução da compreensão sobre os seres malignos

Durante o período do Segundo Templo, aproximadamente entre os séculos VI a.C. e I d.C., desenvolveu-se uma literatura judaica muito rica sobre: anjos, seres celestiais, anjos transgressores, demônios, espíritos malignos, julgamento, fim dos tempos, batalhas celestiais.

Nesse ambiente encontramos a literatura de **1 Enoque**, especialmente as tradições dos chamados **Vigilantes**.

Esses textos desenvolveram uma narrativa na qual determinados seres celestiais transgridem os limites estabelecidos por Deus e participam da corrupção do mundo.

Isso é importante para compreender o ambiente religioso no qual surgiu o cristianismo.

Mas devemos fazer uma distinção.

1 Enoque não é simplesmente "a Bíblia dos judeus".

Trata-se de literatura judaica antiga cuja recepção e autoridade variaram entre diferentes comunidades.

O cristianismo surgiu nesse universo religioso, mas não simplesmente o reproduziu.

Ele reinterpretou essas tradições à luz de Cristo.

4. A serpente do Éden era Satanás?

Aqui existe uma das maiores confusões da tradição popular.

O Gênesis fala da:

serpente.

A serpente conversa com Eva e conduz o ser humano à transgressão.

Mas há um detalhe muito importante:

Gênesis não chama a serpente de Satanás.

O texto não diz:

"A serpente era Satanás."

A identificação entre a serpente e Satanás aparece posteriormente na tradição.

No Apocalipse encontramos:

"O grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás."

(Ap 12,9)

Assim, a tradição cristã reuniu progressivamente imagens diferentes:

serpente → adversário → Satanás → Diabo → dragão.

Essa identificação tornou-se parte importante da interpretação cristã, mas devemos reconhecer que ela resulta da leitura integrada de diferentes textos bíblicos.

5. E quem é Lúcifer?

Talvez nenhuma outra questão tenha produzido tanta confusão.

Lúcifer não era originalmente o nome hebraico do Diabo.

A palavra latina *lucifer* significa:

portador da luz; estrela da manhã.

Ela aparece na tradução latina de Isaías 14,12.

O texto hebraico fala da "estrela da manhã", utilizando uma imagem relacionada ao brilho de Vênus.

E aqui precisamos voltar ao contexto original.

Isaías 14 é um poema dirigido contra o **rei da Babilônia**.

O profeta ridiculariza a arrogância do poderoso governante que imaginava elevar-se aos céus.

Aquele que pretendia subir será derrubado.

Portanto, no contexto original, Isaías 14 não é uma biografia de Satanás.

É uma crítica poética ao orgulho do poder imperial.

Posteriormente, os cristãos passaram a relacionar esse texto com outras passagens sobre a queda dos poderes espirituais.

Assim surgiu progressivamente a associação entre:

Lúcifer → anjo caído → Satanás.

Por isso, historicamente, precisamos distinguir:

o significado original do texto de Isaías

da

interpretação teológica cristã posterior.

6. O grande dragão e o "terço dos anjos"

O Apocalipse apresenta uma das imagens mais impressionantes da Escritura:

"Um grande dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres." (Ap 12,3)

E:

"A sua cauda arrastou a terça parte das estrelas do céu." (Ap 12,4)

Depois encontramos a batalha:

"Miguel e os seus anjos batalharam contra o dragão." (Ap 12,7)

E finalmente:

"O grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás." (Ap 12,9)

É principalmente desse conjunto de imagens que nasceu a tradição segundo a qual **um terço dos anjos teria caído com Satanás**.

Mas existe uma observação importante.

O Apocalipse fala literalmente de:

"terça parte das estrelas do céu".

Não diz:

"um terço dos anjos caiu".

A associação entre estrelas e seres celestiais é uma interpretação tradicional da visão.

Portanto, não devemos transformar uma imagem apocalíptica em uma espécie de **estatística celestial**.

7. O Apocalipse fala por símbolos

O Apocalipse é literatura apocalíptica.

João utiliza: dragões, bestas, estrelas, chifres; números, anjos, trombetas. Selos, taças, mulheres,

Cidades, imagens celestiais.

Não estamos diante de uma reportagem jornalística sobre acontecimentos no céu.

Estamos diante de uma visão simbólica destinada a transmitir uma mensagem espiritual e histórica.

Isso não torna a mensagem menos verdadeira.

O símbolo não é mentira.

O símbolo é uma forma de comunicar uma realidade profunda.

8. O dragão e Roma

O Apocalipse precisa também ser lido dentro de sua história.

João escreve para comunidades cristãs da Ásia Menor submetidas ao poder do Império Romano e enfrentando pressão por sua fidelidade a Cristo.

O dragão representa Satanás.

Mas o mal também se manifesta concretamente através dos poderes humanos.

Quando o império: persegue, oprime, mata; exige submissão, exige adoração..transforma o poder político em absoluto, ele se torna instrumento da lógica do mal.

Por isso, Roma aparece como uma referência histórica fundamental para compreender o simbolismo político do Apocalipse.

A mensagem de João é extraordinariamente atual:

o poder humano pode parecer absoluto, mas não é Deus.

9. E chegamos aos demônios dos Evangelhos

É aqui que nosso estudo precisa avançar.

O Novo Testamento não fala apenas de Satanás.

Os Evangelhos apresentam também pessoas descritas como estando sob a ação de **demônios** ou **espíritos impuros**.

Jesus expulsa demônios.

Eles gritam.

Respondem.

Reconhecem Jesus.

E, em determinados relatos, falam.

Em Marcos 1, um espírito impuro reconhece:

“Eu sei quem tu és: o Santo de Deus.”

Jesus ordena:

“Cala-te e sai dele!”

Esse elemento é importante porque demonstra que, dentro da narrativa dos Evangelhos, os espíritos impuros são apresentados como realidades adversárias que reconhecem a autoridade de Cristo.

Mas existe outra informação igualmente importante.

No mesmo capítulo, Marcos distingue: **enfermos** de **endemoninhados.**

“Trouxeram-lhe todos os enfermos e os endemoninhados.”

E depois: “Ele curou muitos enfermos de diversas doenças e expulsou muitos demônios.”

(Mc 1,32-34)

Portanto, não podemos afirmar que o Evangelho ensina que **toda doença é causada por demônios**.

O próprio texto faz distinção entre enfermidade e possessão.

10. Quando o demônio fala, devemos entender literalmente?

Aqui precisamos ser muito prudentes.

Os Evangelhos são textos religiosos e narrativos.

Eles descrevem a experiência segundo as categorias de seu mundo.

Quando um espírito fala, o texto está comunicando uma realidade de conflito entre Jesus e aquilo que destrói o ser humano.

Mas não temos autorização para transformar cada detalhe narrativo em uma descrição médica, neurológica ou metafísica tecnicamente precisa segundo os padrões científicos atuais.

O mesmo cuidado vale para o outro extremo.

Também não podemos afirmar simplesmente:

“Todos os demônios dos Evangelhos eram doenças mentais.”

Isso também ultrapassa aquilo que o texto permite concluir.

A posição mais responsável é reconhecer três realidades:

o texto bíblico;

o contexto cultural antigo;

o conhecimento contemporâneo.

11. O homem de Gerasa e a “Legião”

Talvez nenhum episódio demonstre isso tão claramente quanto o homem de Gerasa.

Ele vive entre os sepulcros.

Está afastado da sociedade.

É violento.

Grita.

Não consegue ser controlado.

E perdeu sua identidade.

Quando Jesus pergunta:

"Qual é o teu nome?"

Ele responde:

"Legião é o meu nome, porque somos muitos."

(Mc 5,9)

A palavra **Legião** possui forte conotação militar.

Uma legião era uma grande unidade do exército romano.

Por isso, a narrativa pode conter também uma dimensão simbólica relacionada à opressão e ao poder imperial.

Mas precisamos evitar simplificações.

O episódio é simultaneamente uma narrativa sobre: **sofrimento humano, exclusão, impureza,**

Opressão, poder espiritual, restauração.

12. Jesus sabia que aquelas pessoas sofriam profundamente

Aqui entramos em uma questão teológica que considero muito importante.

Nós cremos que Cristo conhece profundamente o coração humano.

Jesus não era um observador indiferente do sofrimento.

Ele conhecia:

a dor;

a solidão;

o abandono;

a angústia;

a doença;

o medo;

a rejeição;

a morte.

Portanto, é perfeitamente coerente afirmar teologicamente que **Jesus conhecia a realidade do sofrimento humano muito além das categorias científicas disponíveis à sociedade de seu tempo**.

Mas devemos formular isso corretamente.

Não podemos dizer historicamente:

"Jesus diagnosticou esquizofrenia no homem de Gerasa."

Seria um anacronismo.

Não existia naquele contexto a psiquiatria moderna.

Também não podemos dizer que Jesus ignorava completamente as dimensões psicológicas e neurológicas do sofrimento.

A afirmação mais equilibrada é:

Jesus conhecia o ser humano em sua profundidade, mas não estava naquele momento ensinando psiquiatria, neurologia ou psicologia.

13. Jesus não precisava falar a linguagem da medicina moderna

Esse ponto merece ser compreendido com serenidade.

Se Jesus estivesse falando a pessoas do século XXI, talvez pudéssemos imaginar explicações envolvendo:

neurologia;

psiquiatria;

trauma;

neuroquímica;

psicologia;

transtornos da percepção;

alterações da consciência.

Mas Jesus estava falando a pessoas do primeiro século.

Elas não possuíam essas categorias.

A revelação divina não depende de Deus transformar cada ensinamento religioso em uma aula científica.

A Escritura fala através de culturas, idiomas e categorias históricas.

Isso não diminui a revelação.

Pelo contrário:

Deus entra na história humana e fala ao ser humano de modo que o ser humano possa compreender.

14. Muitas manifestações que antigamente eram atribuídas a demônios hoje são reconhecidas como doenças

Essa constatação deve produzir humildade na Igreja.

Ao longo da história, pessoas com epilepsia, transtornos mentais, alterações da consciência e outras condições foram muitas vezes consideradas possuídas.

Hoje sabemos que manifestações como:

alucinações;

delírios;

convulsões;

alterações da consciência;

comportamento desorganizado;

experiências de influência externa;

crises dissociativas;

podem possuir explicações neurológicas ou psicológicas.

A própria história da epilepsia mostra como fenômenos neurológicos foram frequentemente interpretados como manifestações sobrenaturais.

Por isso, uma Igreja responsável jamais deve transformar automaticamente uma doença em demônio.

15. A Igreja não pode abandonar o doente em nome da espiritualidade

Uma pessoa que apresenta uma crise psicológica ou neurológica precisa de cuidado.

Se alguém apresenta:

convulsões;

alucinações;

confusão mental;

delírios;

alterações importantes do comportamento;

crises dissociativas;

depressão grave;

alterações da consciência;

essa pessoa precisa ser avaliada adequadamente.

Isso não é falta de fé.

Isso é amor ao próximo.

Procurar um médico não significa negar Deus.

Procurar um psicólogo não significa abandonar a Igreja.

Tomar um medicamento prescrito não significa falta de oração.

A pessoa pode:

orar e fazer tratamento;

participar da vida sacramental e consultar um médico;

buscar direção espiritual e acompanhamento psicológico.

Fé e ciência não precisam ser inimigas.

A Igreja deve unir:

fé + razão + ciência + discernimento + compaixão.

16. Mas então não existem demônios?

Aqui precisamos evitar outro extremo.

A tradição cristã não reduziu Satanás e os demônios simplesmente a metáforas psicológicas.

O Novo Testamento apresenta Satanás e o Diabo como realidades espirituais adversárias.

Jesus é tentado pelo Diabo.

Jesus fala de Satanás.

Pedro adverte:

"O vosso adversário, o diabo, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar."

(1Pe 5,8)

Portanto, uma leitura cristã não precisa eliminar a dimensão espiritual.

Mas também não precisa enxergar demônios em cada doença, cada sonho, cada problema familiar, cada pensamento ou cada acontecimento desagradável.

Discernimento é diferente de superstição.

17. Satanás não é um segundo deus

Aqui está um ponto essencial da fé cristã.

O cristianismo não ensina:

Deus do bem × Deus do mal.

Isso seria dualismo.

A fé cristã afirma:

Existe um único Deus, Criador de todas as coisas.

Satanás, mesmo compreendido como criatura espiritual caída, continua sendo criatura.

Não é eterno.

Não é onipotente.

Não é onisciente.

Não possui poder equivalente ao de Deus.

Deus é o Criador.

Satanás é criatura.

Essa distinção é absolutamente fundamental.

18. Santo Agostinho e a compreensão do mal

A tradição cristã desenvolveu uma reflexão muito profunda sobre a natureza do mal.

Santo Agostinho, por exemplo, ajudou a formular a compreensão do mal como **privação ou corrupção do bem**.

Isso não significa dizer que o mal não seja real.

A violência é real.

A injustiça é real.

A crueldade é real.

O sofrimento é real.

Mas o mal não precisa ser imaginado como uma substância eterna rival de Deus.

Essa compreensão ajuda-nos a perceber que o mal também se manifesta na desordem da liberdade, no pecado, na violência, na injustiça e no afastamento do bem.

19. A tentação de Jesus: Satanás realmente mostrou todos os reinos do mundo?

Essa passagem merece uma atenção especial.

Lucas afirma:

“O diabo levou-o para o alto e mostrou-lhe num instante todos os reinos do mundo.”

(Lc 4,5)

Mateus apresenta a cena de maneira semelhante:

“O diabo levou-o consigo a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória.”

(Mt 4,8)

Uma interpretação puramente literal cria imediatamente uma dificuldade.

Não existe uma montanha da qual seja possível enxergar literalmente todos os reinos do planeta.

E Lucas acrescenta:

“num instante”.

Isso sugere uma possibilidade exegética muito importante:

Jesus pode estar sendo apresentado diante de uma visão, uma representação ou uma experiência simbólica do poder dos reinos do mundo.

Não é necessário imaginar o Diabo carregando fisicamente Jesus por toda a Terra.

A narrativa pode estar apresentando, de forma concentrada e simbólica, a totalidade do poder humano.

20. O que realmente está sendo oferecido a Jesus?

Essa é, a meu ver, a parte mais profunda da tentação.

Satanás oferece: **poder, domínio, glória; os reinos do mundo.**

Mas Jesus veio anunciar o Reino de Deus.

Então qual é a tentação?

Ter o Reino sem a cruz.

Ter poder sem serviço.

Ter glória sem sofrimento.

Ter domínio sem amor.

Ter a coroa sem o Calvário.

Essa é uma tentação muito mais profunda do que simplesmente imaginar uma entidade espiritual mostrando paisagens a Jesus.

É uma tentação sobre **o tipo de Messias que Jesus escolheria ser**.

21. Jesus rejeita o caminho dos impérios

Os impérios conquistam através da força.

Jesus conquista através do amor.

Os impérios dominam.

Jesus serve.

Os impérios matam seus inimigos.

Jesus ensina:

“Amai os vossos inimigos.”

(Mt 5,44)

Os impérios constroem sua glória através do poder.

Cristo revela sua glória na cruz.

Por isso, a tentação no deserto antecipa toda a missão de Jesus.

Que Reino será esse?

Um reino construído pela violência?

Ou o Reino de Deus construído pelo amor?

Jesus escolhe o segundo.

22. Satanás pode dizer a verdade?

É interessante observar que a narrativa não precisa ser lida como se cada afirmação do tentador fosse uma declaração teológica confiável.

Satanás é apresentado como **o tentador**.

Sua estratégia é oferecer uma alternativa aparentemente atraente.

O poder dos impérios é real.

A força política é real.

A riqueza é real.

A dominação é real.

Mas Jesus não veio reproduzir a lógica dos impérios.

Por isso, o tentador pode oferecer aquilo que o mundo considera grandeza.

Jesus escolhe aquilo que Deus considera grandeza:

serviço.

23. Os demônios reconhecem Jesus, mas Jesus não precisa deles

Há uma característica muito interessante nos Evangelhos.

Os espíritos impuros reconhecem Jesus.

Sabem quem ele é.

Mas Jesus frequentemente ordena que se calem.

Isso tem grande importância.

Jesus não precisa que o mal faça propaganda da verdade.

A identidade de Cristo não depende do testemunho dos demônios.

Ele não precisa ser reconhecido pelos poderes das trevas.

Ele é o Senhor porque é o Filho.

Essa é uma leitura profundamente cristológica dos exorcismos.

24. O verdadeiro milagre não é apenas expulsar o demônio

Voltemos ao homem de Gerasa.

Depois do encontro com Jesus, as pessoas encontram:

"o homem de quem haviam saído os demônios, sentado, vestido e em perfeito juízo."

(Lc 8,35)

Esta frase deveria ser colocada no centro de nossa pastoral.

Porque Jesus não apenas "expulsa algo".

Jesus **restaura alguém**.

O homem recupera: sua dignidade, sua identidade, sua consciência, sua capacidade de convivência, sua condição humana diante da comunidade.

O Evangelho não está interessado apenas na expulsão.

Está interessado na **restauração da pessoa**.

25. Uma Igreja que expulsa demônios, mas não acolhe pessoas, não compreendeu Jesus

Esta talvez seja uma das advertências pastorais mais importantes.

Não adianta falar continuamente sobre demônios se continuamos abandonando pessoas.

Não adianta realizar orações de libertação se não conseguimos acompanhar aquele que sofre.

Não adianta falar de batalha espiritual se não sabemos cuidar de uma pessoa em crise.

Não adianta dizer:

"o demônio saiu"

se a pessoa continua: sozinha, sem família, sem tratamento, sem trabalho, sem dignidade. sem comunidade; sem esperança.

Jesus não apenas liberta.

Jesus reintegra.

26. O que devemos fazer diante de alguém que acredita estar possuído?

A primeira atitude pastoral deve ser:

acolher.

Não ridicularizar.

Não assustar.

Não afirmar imediatamente:

"Você está possuído."

Não interromper medicamentos.

Não substituir tratamento médico.

Não realizar práticas perigosas.

Não transformar sofrimento em espetáculo.

A pessoa deve ser examinada de maneira responsável.

E, se desejar acompanhamento espiritual, este deve acontecer com:

serenidade;

prudência;

oração;

discernimento;

compaixão.

Uma fé madura não aumenta o terror.

A fé liberta do medo.

27. O verdadeiro campo de batalha

Talvez aqui encontremos a dimensão mais profunda de todo o assunto.

A Bíblia utiliza a linguagem da batalha espiritual.

Mas o mal também se manifesta nas escolhas humanas.

Quando:

o ódio substitui o amor;

a mentira substitui a verdade;

a violência substitui o diálogo;

o egoísmo substitui a solidariedade;

o orgulho substitui a humildade;

a exploração substitui o serviço;

a vingança substitui o perdão;

o mal encontra espaço.

Por isso, talvez a pergunta cristã mais importante não seja:

"Onde está o Diabo?"

Mas:

"Onde estou permitindo que o mal entre na minha vida?"

28. O Diabo não deve ocupar o centro da fé

Existe uma espiritualidade que fala tanto do Diabo que acaba esquecendo Jesus.

Isso é um grave erro.

O cristianismo não nasceu para anunciar Satanás.

Nasceu para anunciar:

Jesus Cristo.

O centro da fé é: a Encarnação, o Evangelho, o amor, a cruz, a ressurreição, o perdão, a graça, o Reino de Deus, a vida eterna.

O Diabo é adversário.

Cristo é Senhor.

29. A Igreja Ortodoxa não é uma Igreja do medo

Como Igreja Ortodoxa, não devemos construir nossa espiritualidade sobre o medo.

A vida cristã é: oração; ascese; arrependimento, Eucaristia, amor; caridade, vigilância, esperança, comunhão com Deus.

O cristão não precisa viver procurando demônios.

Precisa procurar **Cristo**.

Não precisa viver aterrorizado.

Precisa aprender a confiar.

Não precisa interpretar cada sofrimento como castigo.

Precisa aprender a discernir.

Não precisa transformar a doença em possessão.

Precisa cuidar da pessoa.

Essa é uma espiritualidade muito mais madura e profundamente cristã.

30. A vitória sobre o mal não acontece pela lógica do mal

Na cruz, Cristo revela algo que ultrapassa a simples ideia de uma batalha entre dois poderes.

O mundo diz:

vença pela força.

Cristo revela:

vença pelo amor.

O mundo diz:

vingue-se.

Cristo diz:

perdoe.

O mundo diz:

domine.

Cristo diz:

sirva.

O mundo diz:

destrua seu inimigo.

Cristo diz:

ame seus inimigos.

É nesse sentido que o Evangelho oferece a verdadeira resposta ao mal.

31. A Ressurreição é a resposta definitiva

O cristianismo não termina no Calvário.

Termina na manhã da Ressurreição.

O mal pode ferir.

Pode perseguir.

Pode oprimir.

Pode matar.

Mas não pode vencer a Vida.

A morte não venceu Cristo.

A violência não venceu Cristo.

O poder imperial não venceu Cristo.

A cruz não foi a última palavra.

A Ressurreição foi.

32. Afinal, o que podemos afirmar?

Depois de percorrer toda essa trajetória, podemos estabelecer algumas conclusões.

Historicamente, podemos afirmar que a compreensão de Satanás se desenvolveu ao longo da tradição bíblica e judaica.

A palavra *satan* originalmente possuía o sentido de adversário ou opositor.

No Livro de Jó, encontramos uma figura celestial que desempenha uma função de oposição, questionamento e acusação dentro da soberania divina.

As tradições do Segundo Templo ampliaram a reflexão sobre anjos, espíritos malignos e seres transgressores.

A literatura de Enoque foi importante nesse desenvolvimento.

A serpente do Gênesis não é chamada explicitamente de Satanás.

A tradição cristã posteriormente associou a serpente ao Diabo.

Isaías 14, em seu contexto original, fala do rei da Babilônia.

"Lúcifer" originalmente significa "estrela da manhã" ou "portador da luz".

O Apocalipse utiliza uma linguagem profundamente simbólica para falar da luta entre o poder do mal e a soberania de Deus.

E o Novo Testamento apresenta Satanás e os demônios como realidades espirituais adversárias dentro da fé cristã.

Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que muitas manifestações humanas antigamente interpretadas como possessão hoje podem ser compreendidas por meio da neurologia, da psiquiatria e da psicologia.

33. Uma leitura ortodoxa madura

A tradição ortodoxa não precisa escolher entre:

fé ou razão.

Pode unir:

fé e razão;

Tradição e conhecimento;

oração e medicina;

vida espiritual e cuidado psicológico;

discernimento e ciência.

Podemos reconhecer a realidade espiritual sem demonizar a doença.

Podemos reconhecer a doença sem negar a dimensão espiritual.

Podemos crer nos demônios sem transformar o mundo inteiro em um cenário de possessões.

Podemos acreditar na ação de Deus sem abandonar a responsabilidade humana.

E podemos estudar a Bíblia criticamente sem deixar de amá-la como Escritura.

34. A verdadeira batalha espiritual começa dentro de nós

São Paulo escreve:

"Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem."

(Rm 12,21)

Talvez esta seja uma das respostas mais profundas da Escritura.

A batalha espiritual não é apenas uma questão de identificar forças invisíveis.

É também aprender a vencer:

o ódio com amor;

a mentira com verdade;

a vingança com perdão;

o orgulho com humildade;

a violência com mansidão;

o egoísmo com generosidade;

o desespero com esperança.

A espiritualidade cristã não é uma obsessão pelo inimigo.

É um caminho de transformação em Cristo.

35. Cristo permanece no centro

Depois de estudar Satanás, Lúcifer, os demônios, os anjos caídos, a serpente, o dragão, os exorcismos e a batalha espiritual, precisamos voltar ao começo e ao fim:

Cristo.

Porque o mal não é Deus.

O mal não é eterno.

O mal não é soberano.

Satanás não é um segundo deus.

Os demônios não possuem poder equivalente ao de Deus.

A morte não venceu Cristo.

E o sofrimento não terá a última palavra.

Cristo ressuscitou.

CONCLUSÃO

Não precisamos ter medo do Diabo; precisamos permanecer em Cristo

Como bispo e pastor, considero que este assunto deve ser tratado com muita responsabilidade.

Não devemos negar aquilo que a fé cristã afirma sobre a realidade espiritual.

Mas também não devemos transformar doença em demônio, sofrimento psicológico em possessão ou desconhecimento em superstição.

Uma Igreja verdadeiramente pastoral precisa saber **discernir**.

Quando encontramos alguém sofrendo, devemos primeiro enxergar **uma pessoa**, não um possível demônio.

Quando encontramos alguém em crise, devemos procurar ajudá-lo, não aterrorizá-lo.

Quando encontramos alguém doente, devemos procurar tratamento.

Quando encontramos alguém desesperado, devemos oferecer esperança.

Quando encontramos alguém espiritualmente fragilizado, devemos oferecer oração, acolhimento e acompanhamento.

E quando encontramos alguém que acredita estar sob ação de forças malignas, devemos agir com prudência, sem humilhar, sem assustar e sem abandonar.

Porque foi isso que encontramos em Jesus.

Ele se aproximava daqueles que todos afastavam.

Ele tocava aqueles que todos tinham medo de tocar.

Ele conversava com aqueles que todos haviam abandonado.

Ele restaurava aqueles que haviam perdido a própria dignidade.

E, depois de libertá-los, devolvia-lhes a vida.

Essa é a verdadeira essência dos relatos de exorcismo.

Jesus não veio simplesmente expulsar demônios.

Jesus veio restaurar o ser humano.

Por isso, a Igreja deve ser um lugar onde a pessoa encontra:

fé, razão, ciência, oração, acolhimento, discernimento, tratamento, comunhão e, acima de tudo,

Cristo.

Não precisamos viver fascinados pelo poder das trevas.

Não precisamos procurar Satanás em cada doença.

Não precisamos transformar nossa fé em uma cultura do medo.

Precisamos permanecer vigilantes, mas não aterrorizados.

Precisamos reconhecer o mal, mas não colocá-lo no centro.

Precisamos combater o mal, mas sem reproduzir a lógica do mal.

E precisamos lembrar sempre:

"Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem." Romanos 12,21 E ainda: "Eu sou a ressurreição e a vida."
João 11,25

Esta é a nossa fé.

O mal existe, mas não é Deus.

O sofrimento existe, mas não é a última realidade.

As trevas existem, mas não vencem a luz.

A morte existe, mas Cristo ressuscitou.

E, portanto, como Igreja de Cristo, não somos chamados a viver com medo.

Somos chamados a viver na fé, na esperança, no amor e na vitória de Cristo.

Porque o centro da nossa fé não é o Diabo.

É Jesus Cristo.

E a última palavra não pertence às trevas.

A última palavra pertence ao Ressuscitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES BÍBLICAS

Antigo Testamento

BÍBLIA SAGRADA.
Gênesis 3,1-24 — A serpente e a queda.

BÍBLIA SAGRADA.
Gênesis 6,1-4 — Os "filhos de Deus" e as filhas dos homens.

BÍBLIA SAGRADA.
Números 22,22-35 — O Anjo do Senhor como adversário de Balaão.

BÍBLIA SAGRADA.
Jó 1–2 — *Ha-satan* no conselho celestial e a provação de Jó.

BÍBLIA SAGRADA.
Zacarias 3,1-5 — Satanás como adversário/acusador.

BÍBLIA SAGRADA.
1 Crônicas 21,1 — Satanás e o episódio do recenseamento de Israel.

BÍBLIA SAGRADA.
Isaías 14,4-15 — O poema contra o rei da Babilônia e a imagem da "estrela da manhã".

BÍBLIA SAGRADA.
Ezequiel 28,1-19 — Oráculo contra o governante de Tiro, posteriormente relacionado à tradição cristã sobre a queda de Satanás.

2. NOVO TESTAMENTO — DEMÔNIOS, SATANÁS E EXORCISMOS

BÍBLIA SAGRADA.
Mateus 4,1-11 — A tentação de Jesus pelo Diabo.

BÍBLIA SAGRADA.
Mateus 8,28-34 — Os endemoninhados de Gadara.

BÍBLIA SAGRADA.
Mateus 9,32-34 — O homem mudo e o demônio.

BÍBLIA SAGRADA.
Mateus 12,22-32 — Jesus e o poder de Belzebu.

BÍBLIA SAGRADA.
Mateus 13,39 — O inimigo identificado com o Diabo.

BÍBLIA SAGRADA.
Marcos 1,21-28 — Jesus e o espírito impuro na sinagoga.

BÍBLIA SAGRADA.
Marcos 1,32-34 — Distinção entre enfermos e endemoninhados.

BÍBLIA SAGRADA.
Marcos 5,1-20 — O homem de Gerasa e a "Legião".

BÍBLIA SAGRADA.
Marcos 9,14-29 — O menino com espírito que provoca convulsões.

BÍBLIA SAGRADA.
Lucas 4,1-13 — A tentação de Jesus.

BÍBLIA SAGRADA.
Lucas 4,31-37 — O espírito impuro na sinagoga de Cafarnaum.

BÍBLIA SAGRADA.
Lucas 8,26-39 — O homem geraseno e a “Legião”.

BÍBLIA SAGRADA.
Lucas 10,17-20 — “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago.”

BÍBLIA SAGRADA.
João 8,44 — O Diabo como mentiroso e homicida.

BÍBLIA SAGRADA.
Romanos 12,21 — “Vence o mal com o bem.”

BÍBLIA SAGRADA.
Efésios 6,10-18 — A armadura de Deus e a luta espiritual.

BÍBLIA SAGRADA.
1 Pedro 5,8-9 — O adversário, o Diabo.

BÍBLIA SAGRADA.
Judas 6 — Os anjos que não guardaram sua condição.

BÍBLIA SAGRADA.
2 Pedro 2,4 — Os anjos que pecaram.

BÍBLIA SAGRADA.
Apocalipse 12,3-9 — O dragão, a antiga serpente, Satanás, Miguel e os anjos.

BÍBLIA SAGRADA.
Apocalipse 13 — A Besta e o poder imperial.

BÍBLIA SAGRADA.
Apocalipse 20,10 — A derrota final do Diabo.

As referências bíblicas utilizadas no artigo-base incluem precisamente esses textos, particularmente os relatos da tentação, os exorcismos, Apocalipse 12 e a derrota final do Diabo.

3. ESTUDOS SOBRE SATANÁS E A EVOLUÇÃO DA TRADIÇÃO

DAY, Peggy L. *An Adversary in Heaven: Satan in the Hebrew Bible.* Chico, CA: Scholars Press, 1988.

Obra importante para compreender o desenvolvimento do termo *satan* na Bíblia Hebraica, especialmente em Números 22, Jó 1–2 e Zacarias 3.

STOKES, Ryan E. “Satan, Yhwh's Executioner.” *Journal of Biblical Literature*, v. 133, n. 2, p. 251–270, 2014.

Estudo importante para compreender a figura de Satanás em Jó e outros textos antigos, inclusive questionando interpretações simplificadas que projetam sobre o Satanás de Jó a concepção posterior do grande inimigo cósmico de Deus.

PAGELS, Elaine. *The Origin of Satan.* New York: Random House, 1995.

Estudo sobre a formação e transformação da ideia de Satanás nas tradições judaica e cristã antigas.

KELLY, Henry Ansgar. *Satan: A Biography.* Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Estudo histórico sobre a evolução da figura de Satanás na tradição judaico-cristã.

RUSSELL, Jeffrey Burton. *The Devil: Perceptions of Evil from Antiquity to Primitive Christianity.* Ithaca: Cornell University Press, 1977.

Estudo histórico sobre a formação das concepções de Diabo e mal desde a Antiguidade até o cristianismo primitivo.

RUSSELL, Jeffrey Burton. *Satan: The Early Christian Tradition.* Ithaca: Cornell University Press, 1981.

Estudo dedicado especificamente ao desenvolvimento da concepção cristã de Satanás nos primeiros séculos.

4. ANJOS CAÍDOS, DEMÔNIOS E 1 ENOQUE

REED, Annette Yoshiko. *Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity: The Reception of Enochic Literature.* Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Obra fundamental para compreender a tradição dos anjos caídos, os Vigilantes e a recepção de 1 Enoque pelo judaísmo e pelo cristianismo.

SULLIVAN, Kevin. "The Watchers Traditions in 1 Enoch 6–16: The Fall of Angels and the Rise of Demons." In: *The Watchers in Jewish and Christian Traditions.*

Estudo sobre a tradição dos Vigilantes, a queda dos anjos e o desenvolvimento da concepção de demônios na literatura judaica antiga.

1 ENOQUE. 1 Enoque 6–16 — Tradições dos Vigilantes, anjos transgressores e origem dos espíritos malignos.

5. APOCALIPSE, SIMBOLISMO E IMPÉRIO ROMANO

COLLINS, John J. (ed.). *The Oxford Handbook of Apocalyptic Literature.* Oxford: Oxford University Press.

Obra de referência para o estudo da literatura apocalíptica judaica e cristã.

FRIESEN, Steven J. "Apocalypse and Empire." In: COLLINS, John J. (ed.). *The Oxford Handbook of Apocalyptic Literature.* Oxford: Oxford University Press.

Estudo especialmente relevante para compreender a dimensão política e imperial do Apocalipse e sua relação com o contexto romano.

Essa referência é particularmente importante para o artigo porque sustenta a leitura segundo a qual o dragão não deve ser compreendido apenas como uma figura abstrata, mas também dentro do contexto histórico de poder, perseguição e dominação imperial.

6. EXORCISMO, DEMÔNIOS E DOENÇA

EADIE, M. J. "The Understanding of Epilepsy Across Three Millennia." *Clinical and Experimental Neurology*, 1994.

Estudo histórico sobre a maneira como a epilepsia foi compreendida desde a Antiguidade, incluindo sua associação histórica com fenômenos sobrenaturais.

BOU NASIF, M.; KOUBEISSI, M.; AZAR, N. "Epilepsy – From Mysticism to Science." *Revue Neurologique*, 2021.

Estudo sobre a passagem histórica das interpretações místicas da epilepsia para sua compreensão científica e neurológica.

MAMENIŠKIENĖ, R.; PUTEIKIS, K.; CARRIZOSA-MOOG, J. "Saints, Demons, and Faith – A Review of the Historical Interaction Between Christianity and Epilepsy." *Epilepsy & Behavior*, 2022.

Revisão especialmente importante para o nosso artigo, pois examina a relação histórica entre cristianismo, demônios, santos, fé e epilepsia.

7. FONTE COMPLEMENTAR SOBRE A PSICOSE

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Schizophrenia.* Geneva: World Health Organization.

Fonte para a descrição contemporânea de manifestações psicóticas, incluindo alucinações, delírios, alterações do pensamento, percepção e comportamento.

8. REFERÊNCIAS PATRÍSTICAS E TEOLÓGICAS

Para que o texto fique **mais propriamente ortodoxo**, eu acrescentaria ainda uma pequena seção de fontes patrísticas. Isso é importante porque o artigo não deve parecer apenas um estudo histórico sobre religião, mas um texto de um bispo que dialoga com a **Santa Tradição da Igreja**.

Sugiro:

AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões.* São Paulo: diversas edições.

AGOSTINHO DE HIPONA. *A Cidade de Deus.* Petrópolis: Vozes, diversas edições.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. *Vida de Santo Antão.* São Paulo: Paulus, diversas edições.

JOÃO CASSIANO. *Conferências.* São Paulo: Paulus, diversas edições.

JOÃO CLÍMACO. *A Escada do Paraíso.* São Paulo: Paulus, diversas edições.

JOÃO DAMASCENO. *Exposição da Fé Ortodoxa.* São Paulo: diversas edições.

Essas obras podem ajudar especialmente na parte sobre **discernimento espiritual, combate interior, ação do mal, liberdade humana, ascese e vitória de Cristo**, sem transformar o artigo em um tratado dogmático sobre demônios.